



B1

ISSN: 2595-1661

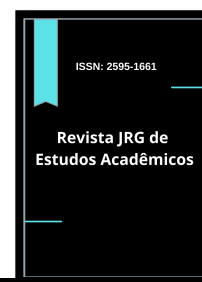
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Aplicações da inteligência artificial na saúde mental sob a perspectiva científica: revisão sistemática

Applications of artificial intelligence in mental health from a scientific perspective: a systematic review

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3050

ARK: 57118/JRG.v9i20.3050

Recebido: 14/03/2026 | Aceito: 23/03/2026 | Publicado on-line: 25/03/2026

Layra Luane Leal Silva¹

<https://orcid.org/0009-0003-2416-3824>

<https://lattes.cnpq.br/2287653322735641>

Instituição de Educação Superior Raimundo Sá, PI, Brasil

E-mail: layraluane05@gmail.com

Francisco Djalma de Sousa²

<https://orcid.org/0009-0000-2303-2361>

<http://lattes.cnpq.br/1247477209605033>

Instituição de Educação Superior Raimundo Sá, PI, Brasil

E-mail: sousafranciscodjalma@gmail.com

Anne Caroline Gomes de Moura³

<https://orcid.org/0000-0002-5585-5386>

<http://lattes.cnpq.br/3478185878942404>

Instituição de Educação Superior Raimundo Sá, PI, Brasil

E-mail: annecarolinegomesm@gmail.com



Resumo

Este estudo teve como objetivo mapear e analisar a produção científica recente acerca da interface entre saúde mental e Inteligência Artificial, por meio de uma revisão sistemática da literatura. A pesquisa buscou identificar as principais aplicações da IA no campo da saúde mental, bem como suas contribuições, limitações, desafios éticos e perspectivas futuras. A busca dos estudos foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2026 nas bases de dados PsycINFO, PubMed, SciELO, LILACS, CLASE, BVS-Psi, PePSIC e Redalyc, utilizando os descritores “saúde mental” e “inteligência artificial”, bem como seus correspondentes em inglês, combinados com operadores booleanos. Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2025, em português e inglês, com acesso ao texto completo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 16 artigos compuseram o corpus final da revisão. Os resultados evidenciaram que a Inteligência Artificial tem sido utilizada principalmente em chatbots, aplicativos digitais, sistemas de triagem, monitoramento de sintomas e apoio à decisão clínica, apresentando potencial para ampliar o acesso aos cuidados em saúde mental, reduzir barreiras geográficas e organizacionais e favorecer a continuidade do cuidado. Contudo, os estudos também apontam limitações relacionadas à ausência de empatia humana, riscos éticos, privacidade de dados e necessidade de supervisão

¹ Graduando(a) em Psicologia pelo Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).

² Graduando(a) em Psicologia pelo Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).

³ Graduado(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí; Mestre(a) em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí; Docente do curso de Psicologia no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).



profissional. Conclui-se que a Inteligência Artificial representa uma ferramenta complementar promissora no campo da saúde mental, desde que integrada a práticas éticas, reguladas e humanizadas.

Palavras-chave: Saúde mental. Inteligência Artificial. Revisão de literatura. Tecnologia em saúde.

Abstract

This study aimed to map and analyze recent scientific production on the interface between mental health and Artificial Intelligence through a systematic literature review. The research sought to identify the main applications of AI in mental health care, as well as its contributions, limitations, ethical challenges, and future perspectives. The search was conducted between January and February 2026 in the PsycINFO, PubMed, SciELO, LILACS, CLASE, BVS-Psi, PePSIC, and Redalyc databases, using the descriptors “mental health” and “artificial intelligence,” combined with Boolean operators. Articles published between 2020 and 2025, written in Portuguese and English, and available in full text were included. After applying the inclusion and exclusion criteria, 16 articles were selected for the final analysis. The findings indicate that Artificial Intelligence has been mainly applied through chatbots, digital applications, screening systems, symptom monitoring, and clinical decision support, demonstrating potential to expand access to mental health care, reduce geographic and organizational barriers, and support continuity of care. However, the studies also highlight limitations related to the lack of genuine human empathy, ethical risks, data privacy concerns, and the need for professional supervision. It is concluded that Artificial Intelligence constitutes a promising complementary tool in the mental health field, provided it is integrated into ethical, regulated, and human-centered care practices.

Keywords: Mental health. Artificial Intelligence. Systematic review. Health technology.

1. Introdução

A saúde mental pode ser compreendida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo reconhece suas próprias habilidades, é capaz de lidar com os estresses normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir com a sua comunidade. Essa definição, amplamente difundida por organismos internacionais e adotada nas políticas públicas brasileiras, reforça que a saúde mental não se limita à ausência de transtornos, mas envolve aspectos relacionados à autonomia, à funcionalidade e à participação social (Brasil, 2013).

Nas últimas décadas, seu desenvolvimento passou a impactar diversos setores da sociedade, incluindo a área da saúde (Gomes, 2010). No campo da saúde mental, em especial, a IA tem despertado crescente interesse por seu potencial de oferecer novas formas de cuidado, ao mesmo tempo em que suscita debates sobre benefícios, riscos, questões éticas e possíveis transformações nas práticas terapêuticas tradicionais (Wagstaff, 2024).

A saúde mental constitui parte fundamental do bem-estar humano, sendo reconhecida como elemento central para o desenvolvimento individual e social. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), a saúde mental é um estado de bem-estar que permite ao indivíduo lidar com os estresses da vida, desenvolver suas habilidades, aprender, trabalhar de forma produtiva e contribuir para sua comunidade. Contudo, o aumento das pressões cotidianas, acadêmicas e profissionais tem contribuído para a intensificação de problemas psicológicos, ampliando a demanda por serviços



especializados de cuidado em saúde mental. Diante desse cenário, torna-se cada vez mais urgente a adoção de estratégias de prevenção e de intervenções precoces. Nesse contexto de crescente demanda, a Inteligência Artificial tem se apresentado como uma alternativa promissora no suporte às práticas em saúde, ao possibilitar novas formas de acompanhamento, triagem e apoio psicológico (Leite, 2024).

A realização de estudos que investigam a aplicação da Inteligência Artificial no contexto da saúde mental torna-se fundamental. A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento sobre as implicações do uso da IA no cuidado psicológico, considerando aspectos como a possibilidade de personalização de intervenções terapêuticas, os desafios éticos relacionados à privacidade e à proteção de dados sensíveis, bem como as consequências emocionais e sociais para os usuários (Cosic *et al.*, 2024). Entre essas consequências, destacam-se o risco de dependência excessiva de sistemas automatizados e as possíveis dificuldades no estabelecimento de vínculos humanos no processo de cuidado em saúde mental (Khawaja; Bélisle-Pipon, 2023).

A utilização de tecnologias de Inteligência Artificial (IA), especialmente modelos generativos, no campo da saúde mental tem crescido rapidamente, com estudos indicando aplicações em diagnóstico assistido, apoio terapêutico via chatbots e auxílio à tomada de decisão clínica, podendo melhorar o acesso e reduzir barreiras ao atendimento tradicional. Estudos mostram que essas ferramentas têm potencial para aumentar a detecção de transtornos e diminuir o tempo de resposta clínica, contudo levantam preocupações éticas consistentes quanto à privacidade de dados, vieses algorítmicos, segurança do usuário e governança responsável, que ainda demandam salvaguardas robustas antes de adoção ampla na prática clínica (Wang *et al.*, 2025).

Pesquisadores também destacam que, embora os chatbots tenham resultados promissores em estudos experimentais, há evidências de que alguns sistemas atualmente em uso podem violar padrões éticos da prática em saúde mental, incluindo respostas inadequadas em situações de crise emocional ou falta de supervisão clínica adequada (Brown University, 2025). Dessa forma, o uso da IA na saúde mental deve ser implementado de maneira complementar aos cuidados humanos, com regulamentação focada em segurança, eficácia e proteção dos direitos dos pacientes.

Diante do contexto exposto ao longo desta revisão, o problema que orienta o presente estudo refere-se à necessidade de compreender e examinar, de forma sistematizada, o estado atual da produção científica acerca da aplicação da Inteligência Artificial no campo da saúde mental. A partir dessa problemática, estabeleceu-se como objetivo principal mapear e analisar as evidências científicas publicadas nos últimos anos, por meio de uma revisão sistemática da literatura, buscando identificar as principais contribuições, limitações, desafios e perspectivas associadas ao uso dessas tecnologias no cuidado em saúde mental. Para isso, foram considerados estudos nacionais e internacionais que abordassem diferentes aplicações da Inteligência Artificial, incluindo aspectos clínicos, preventivos, éticos e relacionais.

Nesse sentido, a motivação para a realização deste estudo fundamenta-se na necessidade de organizar e ampliar o conhecimento existente sobre a interface entre saúde mental e Inteligência Artificial, bem como de evidenciar lacunas ainda presentes na literatura científica. Ao sistematizar essas produções, espera-se contribuir para o desenvolvimento de práticas mais seguras, éticas e fundamentadas, além de subsidiar futuras pesquisas e reflexões críticas sobre o uso responsável da Inteligência Artificial no cuidado psicológico.



2. Metodologia

A revisão integrativa da literatura se trata de uma junção de ideias de distintos autores acerca de uma determinada temática, ocorrendo mediante a realização de leituras de estudos efetuadas pelo pesquisador. Nesse viés, a revisão da literatura é uma forma de documentação elaborada pelo pesquisador sobre o trabalho a qual pretende executar (Brizola; Fantin, 2016).

No que tange à presente pesquisa, esta consiste em uma revisão sistemática de literatura. Nesse sentido, refere-se a uma modalidade de investigação que se orienta por meio de uma questão bem delineada, com o propósito de identificação, seleção, avaliação e síntese no que diz respeito às evidências pertinentes disponíveis (Galvão; Pereira, 2014).

A partir do contexto apresentado, esta pesquisa teve como objetivo explorar e analisar de forma aprofundada o conjunto teórico e conceitual, nacional e internacional, relacionado à interface entre a saúde mental e a inteligência artificial. Trata-se de um estudo de revisão sistemática da literatura, cujo propósito é reunir, organizar e analisar criticamente as evidências científicas disponíveis sobre a aplicação da inteligência artificial no campo da saúde mental.

A formulação da pergunta norteadora foi orientada pela estratégia PICO, que auxilia na construção de questões de pesquisa claras e bem delimitadas (Santos *et al.*, 2007), com as devidas adaptações à natureza do estudo. Assim, definiu-se: P (População/Problema): saúde mental; I (Intervenção): utilização da inteligência artificial; C (Comparação): não aplicável, em razão do caráter exploratório e descritivo da revisão; O (Desfecho): contribuições, implicações, desafios e perspectivas do uso da inteligência artificial no campo da saúde mental. Dessa forma, a pergunta norteadora do estudo foi estabelecida como: Quais são as evidências disponíveis na literatura científica sobre a relação entre saúde mental e inteligência artificial?

A busca dos estudos foi realizada nas seguintes bases de dados científicas: PsycINFO (APA), Scopus (Elsevier), SciELO, CLASE, LILACS, BVS-Psi (Index Psi Periódicos), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Redalyc. A estratégia de busca utilizou os descritores “saúde mental” e “inteligência artificial”, bem como seus correspondentes em inglês “mental health” e “artificial intelligence”, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, com o objetivo de identificar produções científicas diretamente relacionadas ao tema.

Foram incluídos artigos científicos publicados entre os anos de 2020 e 2025, redigidos em português e inglês, com acesso ao texto completo, que abordassem de forma explícita a relação entre inteligência artificial e saúde mental. Foram excluídos artigos duplicados, estudos sem acesso gratuito, bem como teses, dissertações, livros, trabalhos de conclusão de curso e publicações que não apresentassem relação direta com o escopo da pesquisa.

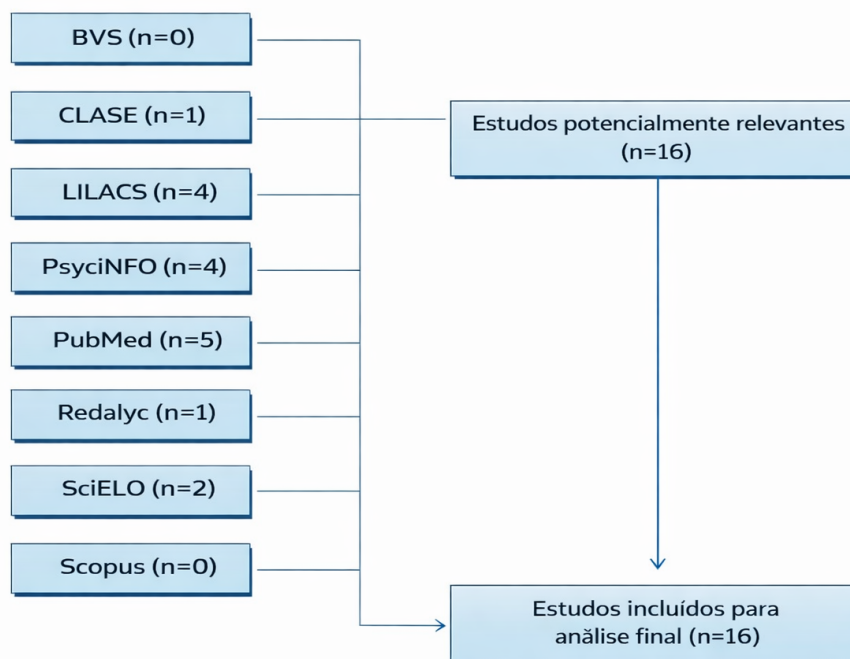
3. Resultados

A busca dos estudos foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2026, nas bases de dados BVS, CLASE, LILACS, PsycINFO, PubMed, Redalyc, SciELO e Scopus. Inicialmente, foram identificados 17 artigos científicos relacionados ao tema da Inteligência Artificial aplicada à saúde mental. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, que consideraram o período de publicação entre 2020 e 2025, a disponibilidade do texto completo, o idioma (português e inglês) e a pertinência direta ao objetivo da pesquisa, apenas 16 artigos permaneceram para a análise final. No que se refere à distribuição dos estudos por base de dados, observou-se maior concentração na

PubMed, com cinco (5) artigos, seguida da PsycINFO e da LILACS, com quatro (4) artigos cada. As bases SciELO e Redalyc contribuíram com dois (2) e um (1) estudo, respectivamente, enquanto a CLASE apresentou um (1) artigo. Não foram identificadas publicações elegíveis nas bases BVS e Scopus, após a aplicação dos critérios estabelecidos.

Após a aplicação rigorosa desses critérios, 16 artigos compuseram o corpus final da revisão, conforme ilustrado na Figura 1, que apresenta o organograma do processo de seleção dos estudos. Observou-se que os artigos incluídos foram encontrados majoritariamente nas bases PubMed, PsycINFO e LILACS, evidenciando a relevância dessas fontes para a produção científica relacionada à Inteligência Artificial aplicada à saúde mental. Para uma melhor visualização do refinamento, segue a figura abaixo:

Organograma das etapas do refinamento



Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Os estudos incluídos nesta revisão foram desenvolvidos em quatro países, com clara concentração geográfica. Observa-se que os Estados Unidos e o Brasil concentram a maior parte das pesquisas, com sete estudos cada, totalizando aproximadamente 88% da produção científica analisada. Apenas um estudo foi realizado no Irã e outro na Dinamarca, indicando baixa representatividade de outras regiões do mundo.

Essa distribuição evidencia uma predominância da produção científica em países do Norte Global e no contexto brasileiro, revelando lacunas na literatura em diversas regiões, como África, Ásia (exceto Irã), América Latina (exceto Brasil) e Oceania. Tal concentração geográfica deve ser considerada ao interpretar os resultados e reforça a necessidade de investigações futuras em contextos culturais e regulatórios diversos.



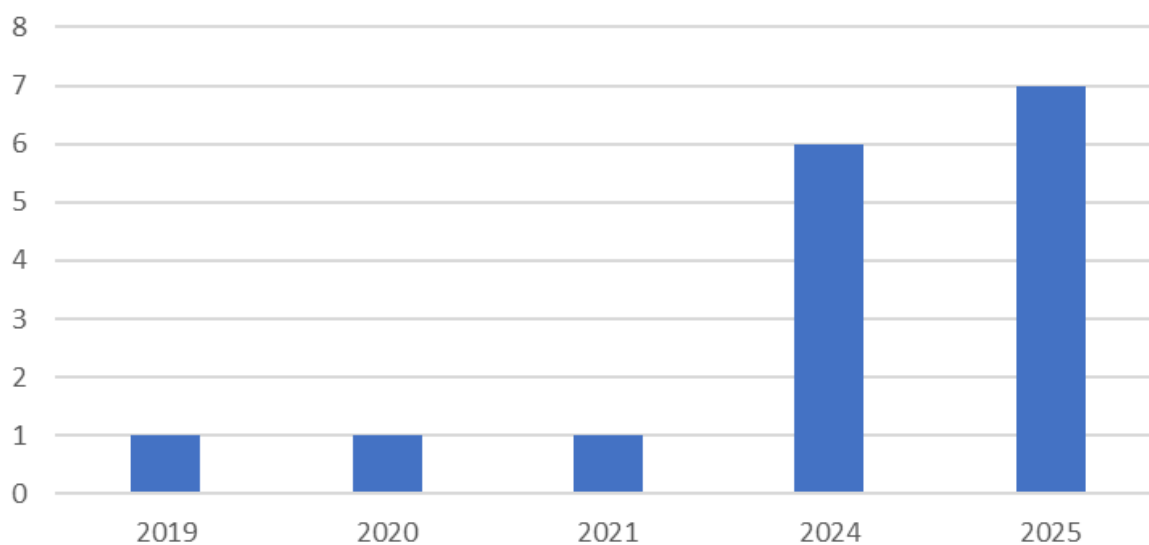
Distribuição dos artigos por país



Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Em relação ao período de publicação, observou-se que os estudos foram publicados com maior predominância nos anos de 2024 e 2025, com seis (6) e sete (7) publicações, respectivamente. Em seguida, destacam-se os anos de 2019, 2020 e 2021, com uma (1) publicação cada. Ressalta-se que o aumento expressivo de artigos em 2024 e 2025 pode refletir o crescente interesse da comunidade científica pelo uso da Inteligência Artificial na saúde mental, impulsionado pelos avanços em tecnologias digitais, modelos de linguagem generativa e chatbots, bem como pela necessidade de soluções acessíveis, escaláveis e personalizadas para apoio psicológico.

Distribuição dos artigos segundo ano de publicação



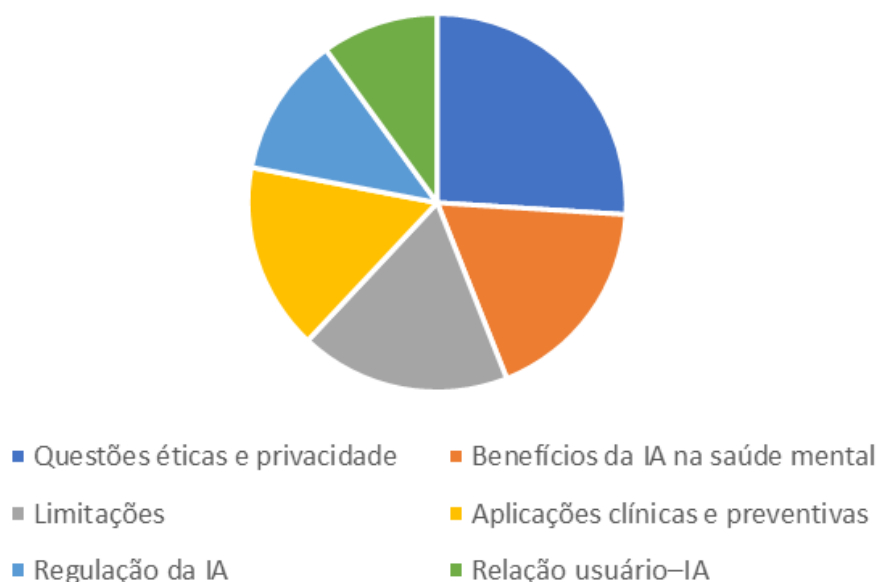
Fonte: Dados da pesquisa, 2026.



Nesse sentido, foi possível verificar que os artigos analisados abordam diversas categorias temáticas relacionadas à aplicação da Inteligência Artificial na saúde mental. A análise dos artigos revela que a categoria mais abordada foi “Questões éticas e privacidade”, presente em 13 menções, representando 26% do total das menções temáticas. As categorias “Benefícios da IA na saúde mental” e “Limitações” tiveram igual destaque, com 9 menções cada, correspondendo a 18% cada uma. Em seguida, as “Aplicações clínicas e preventivas” representaram 16% das menções, enquanto “Regulação da IA” e “Relação usuário-IA” apresentaram 12% e 10% respectivamente.

É importante destacar que os artigos frequentemente discutem mais de uma dessas categorias, refletindo a complexidade e a diversidade dos temas relacionados à aplicação da Inteligência Artificial na saúde mental. O gráfico de pizza ilustra a distribuição percentual dessas categorias, totalizando 50 menções extraídas dos 16 artigos analisados.

Distribuição da amostra total segundo os benefícios da IA na saúde mental



Fonte: Dados da Pesquisa, 2026.

Ao término da análise, organizou-se uma tabela com a finalidade de sistematizar os temas recorrentes e as categorias emergentes identificadas dos 16 artigos finais incluídos na revisão.



Tabela 1 – Categorias temáticas dos estudos revisados

Categoria	Descrição	Artigos relevantes
Questões éticas e privacidade	Os estudos enfatizam riscos éticos associados ao uso da IA na saúde mental, especialmente quanto à privacidade de dados sensíveis, transparência algorítmica, vieses, consentimento informado e proteção da integridade psíquica.	Wagstaff & Fernandes (2024); Sarlet & Monteiro (2025); Straw & Callison-Burch (2020); Bentes <i>et al.</i> (2024); Peixoto (2025); Ivantes-Rodrigues <i>et al.</i> (2025); Tobbin & Cardin (2024); Stade <i>et al.</i> (2025); Dehbozorgi <i>et al.</i> (2025)
Benefícios da IA na saúde mental	A literatura aponta benefícios como ampliação do acesso aos cuidados, redução de custos, disponibilidade contínua, anonimato e personalização das intervenções. Ferramentas como chatbots e modelos generativos demonstram potencial para psicoeducação, monitoramento emocional, apoio terapêutico e formação profissional em saúde mental.	Wagstaff & Fernandes (2024); Ferreira <i>et al.</i> (2024); Lee <i>et al.</i> (2021); Graham <i>et al.</i> (2019); Peixoto (2025); Kopelovich <i>et al.</i> (2025); Dehbozorgi <i>et al.</i> (2025)
Limitações	As principais limitações incluem ausência de empatia genuína, dificuldades na compreensão de aspectos emocionais, vieses algorítmicos, fragilidades metodológicas e desafios de implementação clínica.	Wagstaff & Fernandes (2024); Ferreira <i>et al.</i> (2024); Straw & Callison-Burch (2020); Ivantes-Rodrigues <i>et al.</i> (2025); Peixoto (2025); Kopelovich <i>et al.</i> (2025); Tobbin & Cardin (2024)
Aplicações clínicas e preventivas	A IA tem sido aplicada no apoio ao diagnóstico, monitoramento de sintomas, psicoeducação e coaching psicológico. Os estudos destacam seu uso na formação e no treinamento profissional, com bons níveis de aceitabilidade e usabilidade, embora ainda careçam de validação clínica longitudinal.	Ferreira <i>et al.</i> (2024); Lee <i>et al.</i> (2021); Graham <i>et al.</i> (2019); Kopelovich <i>et al.</i> (2025); Dehbozorgi <i>et al.</i> (2025)



Regulação da IA	Os artigos apontam lacunas regulatórias no uso da IA em saúde mental, defendendo normas específicas voltadas à proteção de dados, responsabilização e avaliação contínua de riscos. Frameworks como o READI são propostos para apoiar decisões éticas e clínicas antes e após a implantação dessas tecnologias.	Sarlet & Monteiro (2025); Bentes <i>et al.</i> (2024); Peixoto (2025); Norton <i>et al.</i> (2024); Stade <i>et al.</i> (2025)
Relação usuário-IA	A interação usuário-IA envolve engajamento e sensação de acolhimento, mas também riscos de dependência emocional, antropomorfização e fragilização da autonomia. Predomina a defesa de modelos híbridos, nos quais a IA atua como suporte ao cuidado, preservando a centralidade da relação terapêutica humana.	Wagstaff & Fernandes (2024); Ferreira <i>et al.</i> (2024); Peixoto (2025); Yang <i>et al.</i> (2024); Tobbin & Cardin (2024)

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores do estudo.

4. Discussão

A análise dos 16 artigos incluídos nesta revisão evidenciou que as pesquisas contemporâneas sobre a interface entre saúde mental e Inteligência Artificial apresentam um caráter multifacetado e em constante expansão, refletindo tanto avanços tecnológicos quanto desafios éticos, clínicos e organizacionais. Em diferentes contextos geográficos e assistenciais, os estudos analisados abordam desde o uso de chatbots e aplicativos digitais até sistemas de triagem, monitoramento e apoio à decisão clínica, revelando impactos diversos nos desfechos em saúde mental e na experiência dos usuários.

No que se refere aos desfechos em saúde mental, os artigos revisados indicam que intervenções baseadas em IA podem contribuir para a redução de sintomas psicológicos, especialmente ansiedade, depressão e estresse, quando utilizadas de forma complementar ao cuidado tradicional ou em intervenções de baixa intensidade (Almeida, 2025).

Nas últimas décadas, o avanço da Inteligência Artificial (IA) tem provocado transformações significativas em diversas áreas, inclusive na Psicologia. A integração entre essas duas áreas tem se intensificado com o desenvolvimento de sistemas capazes de simular interações emocionais, oferecendo suporte psicológico automatizado (Sharma *et al.*, 2022). De acordo com Fiske; Henningsen; Buyx (2021), tais sistemas são desenvolvidos para responder aos usuários com base em algoritmos complexos, muitas vezes apresentando uma “presença” virtual por meio de ícones de rosto ou até mesmo interfaces robóticas.

A proposta de terapeutas virtuais baseados em IA vem sendo justificada pelo potencial de ampliar o acesso ao cuidado emocional, especialmente em contextos de escassez de profissionais da saúde mental. Além disso, plataformas como Woebot têm demonstrado crescente popularidade, oferecendo recursos que combinam abordagens



cognitivo-comportamentais e conversas empáticas com base em linguagem natural (Fitzpatrick *et al.*, 2017).

Além dos efeitos clínicos, os estudos destacam impactos positivos na experiência do usuário, incluindo maior adesão às intervenções, sensação de apoio contínuo e facilidade de acesso aos recursos de cuidado. A possibilidade de interação imediata e a disponibilidade contínua das ferramentas de IA são apontadas como fatores que favorecem a adesão e a continuidade do acompanhamento, sobretudo entre populações jovens e indivíduos com restrições de tempo ou mobilidade (Arksey, 2024.)

A percepção de acolhimento, embora limitada pela ausência de empatia humana genuína, aparece como um elemento relevante nos relatos dos usuários, especialmente em contextos marcados por estigma ou dificuldade de buscar ajuda presencial (Baba, 2023). Contudo, a literatura ressalta que esses efeitos positivos tendem a ser mais consistentes em quadros leves a moderados, havendo lacunas importantes quanto à eficácia da IA em situações de sofrimento psíquico grave ou crises agudas (LIPPI, 2024).

Outro eixo central identificado nos estudos refere-se ao potencial da Inteligência Artificial para ampliar o acesso aos serviços de saúde mental e apoiar os sistemas de saúde, especialmente diante da escassez global de profissionais qualificados. A literatura aponta que a IA pode atuar como estratégia complementar para reduzir a sobrecarga dos serviços, otimizar fluxos de atendimento e oferecer suporte inicial em contextos com recursos limitados (Almeida, 2023).

Nesse sentido, as tecnologias baseadas em IA têm sido descritas como ferramentas capazes de minimizar barreiras geográficas, financeiras e organizacionais, favorecendo o acesso de populações que historicamente enfrentam dificuldades para obter cuidado em saúde mental (Amaral, 2023). A redução de filas de espera e a possibilidade de triagem automatizada emergem como contribuições relevantes para a organização do sistema de saúde, sobretudo em serviços públicos.

Além disso, os estudos destacam o papel da IA no apoio ao cuidado contínuo e preventivo, permitindo o acompanhamento longitudinal dos usuários e a identificação precoce de mudanças no estado mental. Tais estratégias apresentam potencial para fortalecer ações de promoção da saúde mental e prevenção de agravos, desde que integradas a modelos de cuidado que preservem a supervisão humana e o vínculo terapêutico (Ferreira, 2024).

Tanto a *American Psychological Association* (APA, 2024) quanto o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2025) defendem a importância de garantir o consentimento informado, proteger os dados dos usuários e, sobretudo, assegurar que a tecnologia não substitua o vínculo humano que caracteriza o processo terapêutico tradicional.

Assim, a interface entre Psicologia e Inteligência Artificial revela-se ao mesmo tempo promissora e desafiadora. A utilização de IA como suporte emocional pode ser útil em determinados contextos, desde que esteja articulada com uma prática clínica ética, regulada e consciente de suas limitações (APA, 2024; CFP, 2025). Nesse cenário, torna-se essencial compreender as vivências subjetivas das pessoas que utilizam esses sistemas, investigando os efeitos emocionais, os sentidos atribuídos às interações e os possíveis impactos para a saúde mental.

Apesar dos avanços observados, os estudos incluídos nesta revisão sistemática apontam limitações relevantes no uso da Inteligência Artificial aplicada à saúde mental, especialmente no que se refere à ausência de empatia genuína, à dificuldade de manejo de casos clínicos complexos e aos riscos associados ao uso dessas tecnologias em situações de sofrimento psíquico intenso. Wagstaff e Fernandes (2024) e Ferreira *et al.* (2024) ressaltam que, embora sistemas baseados em IA sejam capazes de simular



respostas empáticas por meio de linguagem natural, essas interações permanecem restritas a padrões algorítmicos, sem acesso à compreensão subjetiva, contextual e relacional que caracteriza o cuidado clínico humano.

Nesse sentido, estudos clássicos sobre agentes conversacionais já indicavam que a empatia em interação humano-computador consiste em uma simulação relacional, incapaz de reproduzir a reciprocidade emocional, a intencionalidade e a responsabilidade ética presentes nas relações humanas (Bickmore e Picard, 2005). Além disso, o conceito de *Affective Computing* destaca que computadores podem reconhecer e simular sinais emocionais, mas não experimentar emoções, limitando a profundidade das interações terapêuticas (Picard, 1997).

Os estudos também indicam limitações importantes na interpretação de nuances emocionais e sinais indiretos de risco, como ideação suicida ou agravamento de sintomas, o que pode resultar em respostas inadequadas ou insuficientes em contextos de maior vulnerabilidade psíquica (Straw; Callison-Burch, 2020; Ivantes-Rodrigues *et al.*, 2025). Peixoto (2025) e Kopelovich *et al.* (2025) destacam que tais fragilidades se tornam particularmente críticas em quadros clínicos moderados a graves, nos quais a avaliação clínica integrada e o julgamento profissional são indispensáveis para a segurança do usuário.

Outro aspecto recorrente refere-se às fragilidades metodológicas dos estudos analisados, incluindo amostras reduzidas, curta duração das intervenções e escassez de avaliações longitudinais que permitam mensurar efeitos sustentados ao longo do tempo. Tobbin e Cardin (2024) alertam que a implementação clínica da IA sem validação adequada e sem supervisão humana pode ampliar riscos, sobretudo quando essas ferramentas são utilizadas de forma autônoma ou percebidas como substitutas do cuidado profissional.

As questões éticas relacionadas ao uso da IA em saúde mental emergem de forma consistente nos estudos incluídos, com destaque para os riscos associados ao tratamento de dados sensíveis, à falta de transparência algorítmica e à reprodução de vieses discriminatórios. Wagstaff e Fernandes (2024) e Sarlet e Monteiro (2025) enfatizam que as informações compartilhadas em contextos de cuidado em saúde mental envolvem conteúdos íntimos e subjetivos, exigindo rigorosos mecanismos de proteção de dados, consentimento informado e responsabilização institucional.

A literatura sobre ética em IA reforça que princípios como transparência, justiça, responsabilidade, privacidade e segurança devem orientar o desenvolvimento e a implementação dessas tecnologias, complementando as recomendações específicas em saúde mental (Floridi; Cowls, 2019). Os artigos também evidenciam lacunas regulatórias importantes, defendendo a necessidade de marcos normativos que contemplem avaliação contínua de riscos, proteção da integridade psíquica dos usuários e obrigatoriedade de supervisão humana. Frameworks de governança e avaliação ética para chatbots utilizados no cuidado em saúde, como o READI, têm sido apresentados como propostas promissoras para apoiar decisões éticas e clínicas antes, durante e após a implementação dessas tecnologias (Stade *et al.*, 2025; Dehbozorgi *et al.*, 2025).

Norcross e Lambert (2018) definem a relação terapêutica como o vínculo estabelecido entre profissional e paciente, caracterizado por confiança, colaboração, empatia, autenticidade e compromisso ético. Esse vínculo constitui um dos principais fatores comuns associados aos resultados positivos em psicoterapia, independentemente da abordagem teórica adotada. A qualidade da aliança terapêutica influencia diretamente a adesão ao tratamento, o engajamento do paciente e a eficácia clínica das intervenções.



Os impactos da Inteligência Artificial na prática profissional e na relação terapêutica constituem um eixo central de debate nos estudos analisados. Wagstaff e Fernandes (2024) e Ferreira *et al.* (2024) identificam preocupações recorrentes entre profissionais da saúde mental, especialmente relacionadas ao medo de substituição do trabalho clínico, à possível desvalorização da escuta terapêutica e à redefinição dos limites éticos da atuação profissional.

Entretanto, a maior parte da literatura revisada converge para a defesa de modelos híbridos de cuidado, nos quais a IA atua como ferramenta de apoio, e não como substituta do profissional. Peixoto (2025) e Yang *et al.* (2024) argumentam que essas tecnologias podem contribuir para o monitoramento de sintomas, a psicoeducação e o acompanhamento contínuo dos usuários, desde que integradas a práticas clínicas que preservem a centralidade do vínculo terapêutico humano e a responsabilidade profissional.

Por outro lado, Tobbin e Cardin (2024) alertam para riscos associados à antropomorfização dos sistemas de IA e à possibilidade de dependência emocional por parte dos usuários, especialmente em interações prolongadas e não supervisionadas. Esses fenômenos podem fragilizar a autonomia do sujeito e gerar confusão quanto aos limites entre suporte tecnológico e cuidado terapêutico propriamente dito. Assim, os estudos reforçam a necessidade de supervisão humana constante, capacitação profissional e diretrizes claras que orientem o uso ético e responsável da IA na prática em saúde mental.

4. Conclusão

A presente revisão sistemática possibilitou analisar a produção científica recente acerca da interface entre saúde mental e Inteligência Artificial, evidenciando a diversidade de aplicações e abordagens investigadas nos estudos selecionados. Os resultados demonstram que a IA tem sido empregada principalmente no apoio à triagem, monitoramento de sintomas, intervenções digitais e suporte à tomada de decisão, refletindo uma tendência crescente de incorporação dessas tecnologias no campo da saúde mental, especialmente diante das limitações estruturais dos sistemas de saúde.

Os estudos analisados apontam que a Inteligência Artificial apresenta potencial para ampliar o acesso aos cuidados em saúde mental, reduzir barreiras geográficas e organizacionais e favorecer a continuidade do cuidado, sobretudo em contextos de escassez de profissionais. Contudo, a literatura ressalta que esses recursos devem ser compreendidos como ferramentas complementares, uma vez que permanecem limitações relacionadas à compreensão da subjetividade humana, à qualidade das interações e à dependência de dados adequados e representativos para o funcionamento dos sistemas inteligentes.

Além das potencialidades, foram identificados desafios éticos, técnicos e sociais associados ao uso da Inteligência Artificial na saúde mental, com destaque para questões envolvendo privacidade de dados, vieses algorítmicos e a necessidade de supervisão profissional. Diante disso, conclui-se que a adoção dessas tecnologias deve ocorrer de forma criteriosa, ética e integrada a práticas de cuidado humanizadas, reforçando a importância de pesquisas futuras que aprofundem a avaliação de seus impactos e orientem o uso responsável da Inteligência Artificial no campo da saúde mental.

Ademais, é importante destacar que a realização da coleta de dados no ano corrente não esgota as possibilidades de publicações ao longo de 2026, especialmente em uma área dinâmica e em constante expansão como as aplicações da inteligência artificial na saúde mental. Dessa forma, recomenda-se a atualização periódica desta revisão



sistemática, a fim de incorporar novos estudos que possam emergir e ampliar a compreensão acerca das evidências científicas, dos avanços tecnológicos e das implicações clínicas relacionadas ao uso dessas tecnologias no cuidado em saúde mental.

Portanto, sugere-se a realização de pesquisas empíricas que investiguem a efetividade, a aplicabilidade e os impactos éticos dessas tecnologias em diferentes contextos assistenciais. Estudos que envolvam populações diversas, bem como diferentes realidades institucionais e culturais, podem contribuir significativamente para o fortalecimento da produção científica e para o desenvolvimento de diretrizes que orientem o uso responsável e ético dessas ferramentas no campo da saúde mental.

Referências

ALMEIDA, Kharen Lawinny Marinho; FARIAS, Yasmin Cruz; SOUZA, Júlio César Pinto de. Impacto da inteligência artificial na saúde mental de jovens adultos: benefícios, desafios e perspectivas. **Revista Foco**, v. 18, n. 11, e10733, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n11-234.

AMARAL, Priscila Corrêa Franco. Esperança e inovação: fatores determinantes na adoção de chatbots de IA para saúde mental. 2023. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2023.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, p. 19–32, 2024.

BABA, A.; BUNJI, K. Prediction of mental health problem using annual student health survey: machine learning approach. **JMIR Mental Health**, 2023.

BICKMORE, T., & PICARD, R. (2005). Establishing and maintaining long-term human-computer relationships. **ACM Transactions on Computer-Human Interaction**, 12(2), 293–327. DOI: <https://doi.org/10.1145/1067860.1067867>

BROWN UNIVERSITY. New study: AI chatbots systematically violate mental health ethics standards. Providence: Brown University, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-mental>.

BRIZOLA, Juliana; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos – RELVA**, v. 3, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30681/relva.v3i2.1738>.

COSIC, Krešimir; KOPILAS, Vedran; JOVANOVIĆ, Tomislav. War, emotions, mental health, and artificial intelligence. **Frontiers in Psychology**, v. 15, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1394045>.

FERREIRA, Dandara Paiva Santos Rebello; GOMES, Paulo. Uso de inteligência artificial no tratamento de transtornos mentais: uma revisão de escopo. **Psicologia Argumento**, v. 43, n. 123, 2024. DOI: 10.7213/psicolargum.43.123.A014.



FLORIDI, L., & COWLS, J. (2019). A unified framework of five principles for AI in society. **Harvard Data Science Review**, 1(1), 1–20. DOI: <https://doi.org/10.1162/99608f92.8cd550d1>

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Maurício Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183–184, jan./mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>.

GOMES, Dennis dos Santos. Inteligência artificial: conceitos e aplicações. **Revista Olhar Científico**, Ariquemes, v. 1, n. 2, ago./dez. 2010.

KHAWAJA, Zaynab; BÉLISLE-PIPON, Jean-Christophe. Your robot therapist is not your therapist: understanding the role of AI-powered mental health chatbots. **Frontiers in Digital Health**, v. 5, art. 1278186, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fdgth.2023.1278186>.

LEITE, L. T. S. Saúde mental em tempos de inteligência artificial: estamos na vanguarda de uma nova era? **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 1–5, 2024.

LIPPI, Flávia Ladeira; ABILIO, Carolina Cássia Conceição; LIPPI, José Raimundo; GRAGLIA, Marcelo Augusto Vieira. Inteligência artificial e saúde mental no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Servicios Académicos Intercontinentales**, v. 17, n. 6, e7935, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.6-356.

MORAIS, Diogo Martins Gonçalves de; OLIVEIRA, Victor Inácio de; JUNGER, Alex Paubel; FACÓ, Júlio Francisco Blumetti. O conceito de inteligência artificial usado no mercado de softwares, na educação tecnológica e na literatura científica. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 98–109, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36524/profept.v4i2.557>. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/557>

NORCROSS, J. C., & LAMBERT, M. J. (2018). Psychotherapy relationships that work III. **Psychotherapy**, 55(4), 303–315. <https://doi.org/10.1037/pst0000193>

PICARD, R. W. (1997). Affective Computing. **M.I.T Media Laboratory Perceptual Computing Section Technical Report No. 321**. <https://affect.media.mit.edu/pdfs/95.picard.pdf>

SANTOS, Cristina Maria Callegaro; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, p. 508–511, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt>. Acesso em: 04 fev. 2026.

WAGSTAFF, C. F. M. Inteligência artificial e as relações terapêuticas na saúde mental: possibilidades e desafios. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 98, n. 2, e024342, 2024.



Wang, X., Zhou, Y., & Zhou, G. (2025). The Application and Ethical Implication of Generative AI in Mental Health: Systematic Review. JMIR Mental Health, 12, e70610. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40577783/>